



Vaticano II e aspectos de sua recepção no ABC paulista

Vatican II and aspects of its reception in the ABC paulista

*Ney de Souza
Felipe Cosme Damião Sobrinho*

Resumo

Este artigo objetiva analisar a recepção do Concílio Vaticano II no ABC paulista. Para isto apresentará as linhas gerais deste Concílio e o conceito teológico de recepção. Dom Jorge Marcos, o primeiro bispo da diocese de Santo André impulsionará a renovação da Igreja local inspirado no pensamento do Vaticano II. A nova Igreja local inicia suas atividades de recepção revelando conflitividades internas e, ao mesmo tempo, alinhando seu projeto com a teologia do Vaticano II.

Palavras-chaves: Vaticano II; ABC paulista; recepção; bispo.

Abstract

This article aims to analyze the reception of Vatican II in the ABC paulista. Para isto apresentará as linhas gerais deste Concílio e o conceito teológico de recepção. For this present the outlines of this Council and the theological concept of welcoming. Dom Jorge Marcos, o primeiro bispo da diocese de Santo André impulsionará a renovação da Igreja local inspirado no pensamento do Vaticano II. Dom Jorge Marcos, the first bishop of the

diocese of St. Andrew boost the renewal of the local Church inspired by the thought of Vatican II. A nova Igreja local inicia suas atividades de recepção revelando conflitos internas e, ao mesmo tempo, alinhando seu projeto com a teologia conciliar. The new local church starts its reception activities revealing internal conflicts and, at the same time, aligning your project with Vatican II theology.

Keywords: Vatican II; São Paulo ABC; reception; Bishop.

Introdução

A destruição do passado é um dos fenômenos mais característicos do século XX. Quase todos os jovens crescem numa espécie de presente contínuo. Sem qualquer relação orgânica com o passado. Por isso, os historiadores têm por ofício lembrar o que os outros esquecem¹ ou não querem lembrar. A perda da memória é um evento escravizador. É por isso mesmo que a mais antiga tradição filosófica do ocidente afirma que o destino da humanidade depende da sua capacidade e vontade de recuperar memórias perdidas. O intento aqui é exatamente este: lembrar o passado para não esquecê-lo na construção do presente em vistas do futuro.

O objetivo deste artigo, portanto, é apresentar aspectos da recepção do Concílio Vaticano II (1962-1965) no ABC paulista através de seu primeiro bispo D. Jorge Marcos. Primeiramente serão apresentadas as reações ao anúncio e convocação deste evento conciliar e o seu desdobramento histórico e teológico. No interior deste contexto desponta a figura do bispo da diocese de Santo André, D. Jorge, no ABC e sua contribuição para a recepção conciliar. Recepção que será tratada como um conceito teológico.

¹ HOBBSAWN, E. *A Era dos Extremos*. O breve século XX 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 13.

1. O evento conciliar²

Após da longa enfermidade e morte de Pio XII em outubro de 1958, foi eleito papa o patriarca de Veneza, Cardeal Ângelo Giuseppe Roncalli³, que escolheu o nome de João XXIII. Embora fosse bispo de uma importante igreja local, a figura do novo papa era desconhecida. Havia sido delegado apostólico na Bulgária e Istambul e núncio apostólico na França. Escolhido para Bispo de Roma aos 77 anos, seu pontificado era compreendido como um “papado de transição” devido ao clima de incerteza sobre o sucessor ideal para seu antecessor e à sua própria idade. Interessante o comentário de Arendt sobre a eleição: “O que é estarrecedor não é que ele não estivesse entre os *papabile*, mas que ninguém tivesse consciência quem ele era e tenha sido eleito porque todos o consideravam uma figura sem maiores consequências”⁴. Em pouco tempo, o novo papa desconhecido apresentou “jovialidade” em suas ações e na preocupação com uma temática de grande relevância para a Igreja: o diálogo com a sociedade contemporânea.

Logo vieram as surpresas deste curto pontificado (1958-1963). Três meses após sua eleição, o papa comunicou a decisão da convocação de um novo Concílio. Este momento importante na história da Igreja no século XX aconteceu em 25 de janeiro de 1959, após o encerramento da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos na Basílica de São Paulo Fora dos Muros. Anunciando diretamente aos perplexos cardeais presentes e, por meio da Rádio Vaticano, aos fiéis de todo o mundo. Os cardeais Lercaro (Bologna) e Montini (Milão) manifestaram preocupação sobre os rumos que poderiam tomar o novo Concílio. O Concílio ecumênico fazia parte do projeto de pontificado do papa João XXIII que estabelecia também um sínodo para a diocese

² Sobre as referências históricas e aspectos teológicos do Concílio consultar: LIBÂNIO, J. B. *Concílio Vaticano II: Em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 21-85; SOUZA, N. “Vaticano II, um ponto de chegada ou de partida?” In: *Religião e Cultura*. São Paulo: Paulinas-Educ, 2010, pp. 47-59; GONÇALVES, P. S. L.; SOUZA, N. *Catolicismo e sociedade contemporânea*. Do Concílio Vaticano I ao contexto histórico-teológico do Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulus, 2013.

³ Um *curriculum vitae* em AAS 50 (1958), p. 902; ALBERIGO, G. Il pontificato di Giovanni XXIII. In: FLICHE, A.; MARTIN, V. (dir.). *Storia della Chiesa*. XXXV/1. Milano: San Paolo, 1994, p. 15-19.

⁴ ARENDT, H. “Angelo Giuseppe Roncalli: um cristão no trono de São Pedro de 1958 a 1963”. In: ID. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 68.

de Roma e a reforma do Código de Direito Canônico. Era a reforma da Igreja que estava sendo anunciada.

A notícia da realização do Concílio foi recebida com surpresa e preocupação no interior da Igreja. Embora tenha se falado no pontificado de Pio XII da possibilidade da realização de um Concílio para concluir os trabalhos do Concílio Vaticano I (1869-1870). Este fora adiado devido ao início da guerra franco-prussiana. Contudo, naquela ocasião do pontificado do papa Pacelli, não havia realmente um projeto para a reforma: a centralização dos organismos de governo da Igreja, totalmente controlada pela Cúria Romana, não viam a necessidade da realização da assembleia internacional que poderia causar mais confusões do que vantagens. Não há nenhuma fonte que afirme que João XXIII tenha convocado o Vaticano II para desdobrar o projeto geral de um concílio pensado por Pio XII.⁵ Sem dúvida é necessário compreender a convicção de Roncalli sobre a Igreja para entender suas atitudes e a convocação para o Vaticano II.

...antes de mais nada, a convicção de Roncalli sobre a natureza da Igreja como jardim e não como museu, como se fosse uma antiguidade a ser preservada. Além disso, note-se também um certo anseio presente em vários setores, sobretudo nos grandes movimentos (bíblico, ecumênico e litúrgico), e enfim a busca insistente por um maior respeito pelas responsabilidades do episcopado, que se tornou atual não só pela avaliação de que a eclesiologia do Concílio Vaticano I era incompleta, mas sobretudo por um novo enfoque dado à grande tradição da Igreja do primeiro milênio.⁶

Era necessário dissipar as sombras que tornavam nebulosas a visão da Igreja em relação à sociedade contemporânea que, desde o pontificado de Gregório XVI (1831-1846) e as decorrentes mudanças das sociedades europeias no período, não conseguia realizar uma aproximação propositiva entre os dois poderes. Em seguida, o pontificado de Pio IX (1846-1878), trouxe vários outros estremecimentos entre Igreja e a sociedade.⁷ Durante o século XIX a Igreja católica reage ao que considerava provocações da sociedade

⁵ CAPRILE, G. "Pio XII e un nuovo progetto di concilio ecumênico". *Civiltà Cattolica* II (1966), pp. 209-227.

⁶ ALBERIGO, G. *Op. cit.*, pp. 170-171.

⁷ MARTINA, G. *La Chiesa nell'Età del liberalismo*. Brescia: Morcelliana, 1991, pp. 187-189.

contemporânea à moral e aos dogmas do catolicismo.⁸ Nesse bojo não havia distinção a nenhuma vertente político-intelectual: se sentiu afrontada quando Napoleão capturou o papa Pio VII, atacou também os intelectuais, como por exemplo, Marx e Engels, ou seja, combateu e condenou além da esquerda em todos os seus matizes, o capitalismo e suas teorias sociopolíticas. Somente na segunda metade do século XX é que esta política defensiva em relação ao mundo moderno foi distendida com as atitudes dos papas João XXIII e Paulo VI ao realizarem o Concílio Ecumênico Vaticano II.

Essa nova postura dialógica foi preconizada pelos movimentos que foram promovidos no final do século XIX e no início do século XX: bíblico, litúrgico, ecumênico, leigo, missionário, social e teológico.⁹ A atmosfera de condenação, efetivada por Pio XII a vários teólogos que aprofundavam temas fundamentais de teologia à luz da modernidade, é substituída pela abertura ao diálogo, demonstrando gradativamente a renovação da teologia no que concerne à visão da Igreja sobre si mesma, sua auto compreensão, e sua missão no mundo. Neste sentido, a visão de João XXIII era que o evento conciliar se tornaria a possibilidade de encontrar soluções para a multiplicidade de problemas verificados no interior da instituição e a preocupação com múltiplas situações desafiadores que assolavam a humanidade.

A convocação do Concílio, surpreendendo todas as expectativas a respeito do papa João e seu pontificado, demonstra a abertura do pontífice para que a Igreja falasse abertamente em vista da preparação do evento, embora o clima fosse dominado ainda pelo clero europeu, maciçamente italiano, e com muitas atitudes de retrocesso da ala conservadora do episcopado, o desejo do papa em internacionalizar a Igreja e dar a sua caminhada esse caráter de universalidade se demonstrava em pequenos atos. O papa Roncalli convocou um concílio ecumênico, o Vaticano II, que cinquenta anos depois, ainda provoca tensão dentro da própria Igreja.¹⁰

⁸ SOUZA, N.; GONÇALVES, P. S. L. *Catolicismo e sociedade contemporânea*. Do Concílio Vaticano I ao contexto histórico-teológico do Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulus, 2013, pp. 51-63.

⁹ LIBÂNIO, J. B. *Op. cit.*, p. 21-48; SOUZA, N. “Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II”. In: BOMBONATO, V. I.; GONÇALVES, P. S. L. (orgs.). *Concílio Vaticano II*. Análise e perspectivas. São Paulo: Paulinas, 2004, pp. 22-23.

¹⁰ Veja os comentários de MIRANDA, M. de F. *A Igreja que somos nós*. São Paulo: Paulinas, 2013, pp. 97-128; KASPER, W. *A Igreja Católica*. Essência, realidade, missão. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2012.

Iniciado solenemente em 11 de outubro de 1962, após dois anos de preparação, no discurso inaugural, *Gaudet mater Ecclesia*¹¹, o papa João XXIII salienta a postura da Igreja em combater os erros do mundo moderno não renovando as condenações, mas utilizando o remédio da misericórdia. Ao Concílio confiou a tarefa de aprender a conhecer a unidade querida por Cristo na verdade. João XXIII convida a olhar com confiança as relações Igreja-mundo. O Concílio deveria percorrer a estrada do *aggiornamento*¹² da fé às exigências do mundo. O papa concluía com uma oração invocando a assistência divina.¹³

Essa postura remete às diretrizes que gradativamente a Igreja vai tornando conhecida. Embora a renovação pastoral proposta pelo Concílio ainda não seja plena na atualidade, a mudança de ótica a respeito do mundo possibilita uma nova atitude para com os males sociais. Em vez do distanciamento, a capacidade de compreender, dialogar e possibilitar novos elementos para a reflexão dos problemas humanos devem reger a evangelização. Sem dúvida é a proposição dialogal com a sociedade em meio às suas alegrias e esperanças no expressar a Constituição dogmática *Gaudium et Spes*, promulgada pelo Vaticano II.

Com a morte de João XIII em 3 de junho de 1963, foi eleito papa o Cardeal Giovanni Battista Montini, arcebispo de Milão, que atribuiu a si o nome de Paulo VI. No dia seguinte à sua eleição, Paulo VI anunciava, através de uma mensagem radiofônica a sua intenção de continuar o concílio e fixou a data para reiniciar os trabalhos: 29 de setembro de 1963. Demonstrou suas intenções ecumênicas, enviando um representante na celebração no jubileu de ouro do patriarca de Moscou, Alessio. Contrariando a expectativa de alguns purpurados conservadores que preferiam ver o Concílio encerrado, o papa Paulo VI frustrou-os ao elencar entre suas principais tarefas a de dar continuidade ao Vaticano II convocado e iniciado pelo seu antecessor. A eleição

¹¹ *AAS* (Acta Apostolicae Sedis) 54 (1962), pp. 786-796. Confirma um comentário sobre o discurso: MELLONI, A. “L’allocuzione *Gaudet mater Ecclesia*. Sinossi critica dell’allocuzione”. In: ALBERIGO, G. (org.). *Fede e tradizione*. Brescia: Paidea Editrice, 1984, pp. 223-283.

¹² *Enchiridion Vaticanum* I, n. 55.

¹³ ALBERIGO, G. “Formazione, contenuto e fortuna dell’allocuzione”. In: *Fede Tradizione Profezia*, pp. 187-222. O texto oficial se encontra em *AAS* 54 (1962), pp. 786-796 e *AS*, I/1, pp. 166-175; MARTINA, G. “A proposito de studi recenti su Giovanni XXIII”. In: *Rivista di storia della Chiesa in Itália* 39 (1985), pp. 525-533; MACARRONE, M. “Paolo VI e il Concilio: testimonianze”. In: *Rivista di storia della Chiesa in Itália* 43 (1989), p. 117. Uma versão italiana do discurso: *EVI*, n. 40-43, o papa convida a olhar com confiança as relações Igreja e mundo.

de Montini era um triunfo do que havia sido rejeitado nos ambientes romanos nos anos cinquenta. A escolha de Roncalli para o cardinalato do arcebispo de Milão e o início do Vaticano II começará a mudar a vida de Montini. Os ventos contrários a ele na cúria romana através de uma rejeição da sociedade contemporânea começam a soprar em outra direção. Como um historiador e diplomata, Montini foi capaz de superar a ansiedade por mudanças rápidas e passageiras e, esperar ativamente pelas mudanças graduais no processo histórico.¹⁴ Afirmam Aubert e Soetens que o conclave não escolheu o progressista, e atuante no Concílio cardeal Lercaro (Bologna), mas também não escolheu o conservador arcebispo de Genova, cardeal Siri. Os cardeais preferiram um progressista moderado.¹⁵

A mudança da eclesiologia conciliar, compreendendo a Igreja não mais como sociedade perfeita mas como Povo de Deus, resultou numa articulação da Igreja num viés mais pastoral do que triunfalista. Colocando a hierarquia a serviço de todo o corpo, o mistério da Igreja se compreende como serviço a toda humanidade para a salvação do mundo. Tanto a constituição dogmática sobre a Igreja, *Lumen Gentium*, como a constituição pastoral sobre a Igreja e o mundo contemporâneo, *Gaudium et Spes*, articulam uma mudança necessária, a presença da Igreja na sociedade não pode se estabelecer somente no exercício do poder espiritual, mas no anúncio evangélico do Reino de Deus para a transformação da sociedade pela justiça e solidariedade. Encerrado o Vaticano II em 1965 o que se verificará é a recepção deste evento na Igreja local.

2. Aspectos do conceito teológico recepção

Apresentada, no item anterior, está síntese do Vaticano II, é necessário percorrer aspectos da teologia da recepção para adentrar nas práticas eclesiológicas no ABC paulista e verificar a postura conciliar de seu primeiro bispo. No campo religioso, a recepção surge como expressão fundamental da vivência da fé e como dinamismo intrínseco do ser eclesial.¹⁶ *“A Igreja precisamente constituída pelo acontecimento da fé. O sim abrangente ao conjunto do acontecimento da revelação faz emergir como realidade o novo Israel, o novo Povo*

¹⁴ RICCARDI, A. *Il potere dal papa, da Pio XII a Paolo VI*. Roma-Bari, 1988, p. 222-223.

¹⁵ AUBERT, R; SOETENS, C. Le déroulement du concilie, in *Histoire du Christianisme*. 13, Crises et renouveau de 1958 à nos jours. Paris: Desclée, 2000, p. 53.

¹⁶ SOUZA, F. V. *Vaticano II e a Igreja local...* São Paulo: PUC, 2014, p. 36. O conceito e fundamento da teologia da recepção é analisado nesta dissertação de mestrado apresentada à PUC SP.

de Deus”¹⁷. Neste sentido, a partir da conceituação da categoria recepção se procurará analisar, no próximo item, o recepcionar o Concílio Vaticano II no ABC paulista e a importância de seu primeiro bispo: D. Jorge Marcos.

A recepção sob perspectiva teológica ultrapassa o conceito clássico que se refere a mera “*aceitação pelas Igrejas locais de decisões eclesiais particulares ou conciliares*”¹⁸. Assim, “*processos de recepção se tornam expressão amadurecida da fé, e não simples atos de obediência*”¹⁹. Yves Congar aponta a formação do cânon bíblico como uma das experiências básicas de recepção na vida da Igreja primitiva. Da multiplicidade dos testemunhos escritos primitivos, são recebidos como Escritura Sagrada aqueles, cujos conteúdos são reconhecidos como fiel anúncio apostólico. Um processo longo e complexo que arrastou dos primeiros tempos da Igreja até o Concílio de Trento.²⁰

A experiência da recepção vivida na diversidade das situações concretas ao longo da história precedeu a reflexão teológica acerca de tal fenômeno. Mesmo sem uma sistematização clara, atos de recepção, e conseqüentemente, de não-recepção, são percebidos por todo o espectro temporal da história cristã. Determinações eclesiais, linhas de espiritualidade, liturgia, correntes teológicas, leis canônicas, dificilmente se encontrará um aspecto do cristianismo que não esteja sujeito a esta experiência de recepção. Se enquanto acontecimento, a recepção é uma constante na vida da Igreja, como reflexão sistemática, é um campo de pesquisa recente, impulsionada principalmente pelo Concílio Vaticano II. Congar, em 1972, desenvolve seu pensamento e com o seu trabalho canoniza a recepção enquanto categoria teológica.²¹ Para o dominicano francês, recepção é “*o processo pelo qual um corpo eclesial faz verdadeiramente sua uma determinação que ele não deu a si próprio, reconhecendo na medida promulgada, uma regra que lhe convém a vida*”²². Brighenti²³ escreve um dos únicos textos sobre recepção na realidade brasileira. É uma novidade, de fato, a reflexão sobre a teologia da recepção, um imenso campo a ser explorado: Igreja em seu aspecto recepcional.

¹⁷ SCHELLE, *apud* PINHO. J. E. B. *A recepção como realidade eclesial e tarefa ecumênica*. Lisboa: Didaskalia, 1994, p. 23.

¹⁸ PINHO, J. E. B. *Op. cit.*, p. 26.

¹⁹ *IBIDEM*. p. 28.

²⁰ CONGAR, Y. A recepção como realidade eclesiológica. *Revista Concilium* (1972), pp. 886-907.

²¹ CONGAR, Y. *Op. cit.*

²² CONGAR, Y. *Op. cit.*, p. 887.

²³ BRIGHENTI, A. O processo de recepção de um Concílio na Igreja: conceituação teológica e operacional. *Revista Encontros Teológicos* 33 (2002), pp. 41-56.

O fenômeno da recepção de um concílio comporta certa complexidade, pois cada contexto sócio eclesial apresenta peculiaridades que o faz mais aberto ou não a determinadas novidades emanadas de tal evento. Sob este ponto de vista afirma Catão que “à medida que se pensar a Igreja não apenas como uma estrutura jurídica abstrata, mas como uma realidade histórica concreta, uma sociedade real, a recepção dos princípios que a regem desempenha nela função insubstituível”²⁴.

A renovação conciliar é uma virada copernicana na eclesiologia, como afirma Congar. Sua eclesiologia, centralidade do Vaticano II, entra numa nova dimensão de sua existência: o espírito e a orientação da eclesiologia conciliar salientam que, ainda que a Igreja exista em si mesma, não existe para si mesma. Existe para Deus e existe para levar o mundo para Deus.²⁵ A seguir serão apresentados aspectos da recepção do Vaticano II na Igreja local de Santo André, no ABC paulista.

3. Recepção conciliar no ABC paulista e seu primeiro bispo: D. Jorge Marcos

3.1. Criação da diocese de Santo André

No início dos anos de 1950, o cardeal Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, arcebispo metropolitano de São Paulo, auxiliado por seu bispo auxiliar, Dom Paulo Rolim Loureiro, projeta a criação de um novo bispado, com sede na cidade de Santo André. Institui-se para isso uma Comissão Pró-Bispado, coordenada pelo Vigário Decano da Região, Monsenhor José Bibiano de Abreu, pároco da Paróquia Nossa Senhora do Carmo, futura catedral, e constituída pelos vigários das paróquias de São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul, prefeitos dos três municípios, presidentes das câmaras municipais e alguns cidadãos ilustres, como a Sra. Dayse Simonsen Murray.²⁶

²⁴ CATÃO, F. A. C. “O perfil distintivo do Vaticano II: recepção e interpretação”. In: BOMBONATO, V.; GONÇALVES, P. S. L. (orgs.). *Concílio Vaticano II Análise e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 104.

²⁵ CONGAR, Y. *Un Pueblo mesiânico. La Iglesia, sacramento de la salvación. Salvación y liberación*. Madrid: Cristiandad, 1976, p. 23.

²⁶ ACSA (Arquivo da Cúria de Santo André). *Carta para a formação da Comissão Pró-Bispado de Santo André*. 08 de julho de 1953.

Após o envolvimento das autoridades religiosas e civis da região, foi enviado o pedido à Santa Sé, intermediado pelo Núncio Apostólico Dom Carlos Chiarlo.²⁷ Em 22 de julho de 1954, foi criada pelo Papa Pio XII, pela Bula *Archidiocesis Sancti Pauli*, a Diocese de Santo André, desmembrada integralmente da Arquidiocese de São Paulo, da qual seria sufragânea. Em 26 de julho de 1954 foi eleito o primeiro bispo da nova diocese, Dom Jorge Marcos de Oliveira, até então bispo Titular de Bagis e auxiliar do arcebispo do Rio de Janeiro, Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara.²⁸

3.2. Dom Jorge: primeiro bispo de Santo André²⁹

Dom Jorge Marcos de Oliveira, primeiro bispo de Santo André, nasceu no Rio de Janeiro, na época capital da República, em 10 de janeiro de 1915, filho de Carlos José de Oliveira e Angelina Ruffo Oliveira, membros da alta sociedade carioca, descendentes do Barão Ananias de Oliveira e Sousa.

Ingressou no seminário São José da arquidiocese do Rio de Janeiro em 1929, onde realizou os estudos ginasiais e científico. Foi enviado pelo cardeal Dom Sebastião Leme para realizar os estudos filosóficos e teológicos em São Paulo, integrando assim a primeira turma do Seminário Central do Ipiranga, inaugurado em 19 de março de 1934. Recebeu todas as ordens menores e o diaconato pela imposição das mãos de Dom José Gaspar de Affonseca e Silva, sendo ordenado presbítero pelo Cardeal Leme em 08 de dezembro de 1940 no Santuário de Nossa Senhora da Salete. Como presbítero, exerceu as funções de professor no seminário arquidiocesano, assistente da Ação Católica e Diretor Nacional das Obras das Vocações Sacerdotais. Seu contato com os membros da Ação Católica e com o Centro Dom Vital fizeram com que o jovem padre aprofundasse o contato entre Igreja e sociedade.

Em 03 de agosto de 1946, foi eleito pelo papa Pio XII bispo titular de Bagis e auxiliar do arcebispo do Rio de Janeiro, cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, sendo sagrado em 27 de outubro do mesmo ano, na Igreja de

²⁷ ACMSP (Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo). *Carta da Comissão Pró-Bispado ao Núncio Apostólico*. s/d.

²⁸ Os textos originais da bula de criação da diocese e nomeação do primeiro bispo estão no ACSA.

²⁹ ACSA. Porei o maior empenho em meu trabalho de bispo. In: *Jornal A Gazeta de São Paulo*, 1 de setembro de 1954 (cópia); AMOAG (Arquivo do Museu Octaviano Armando Gaiarsa – Santo André). Entrevista de Dom Jorge Marcos de Oliveira para Heloisa Helena Teixeira de Souza Martins e Marita Bargas (18 de maio de 1984 – 15 de junho de 1984). Cópia datilografada, p. 2-3. Pasta Dom Jorge.

Sant'Ana, Santuário Nacional da Obra de Adoração Perpétua, sendo bispo sagrante o cardeal Câmara e consagrantes Dom Rosalvo da Costa Rego, bispo auxiliar do Rio, e Dom Manuel da Silveira D'Elboux, bispo de Ribeirão Preto. Como bispo auxiliar, Dom Jorge ficara conhecido como bispo das favelas do Rio. Durante seus oito anos de ministério, visitou cerca de 40 favelas, onde ele mesmo afirma ter conhecido uma nova realidade da vida e ter apresentado uma nova presença da Igreja, uma vez que não era comum na época a presença de um ministro ordenado nesta realidade. Entre outros ofícios de bispo auxiliar, Dom Jorge representava o cardeal Câmara junto às embaixadas e círculos sociais da então Capital Federal. Nesta atuação, conhecera as grandes figuras políticas e intelectuais do período. Exerceu também a missão de Oficial Maior do Tribunal Eclesiástico do Rio de Janeiro. No dia 26 de julho de 1954 foi eleito, pelo mesmo papa Pio XII, primeiro bispo da nova Diocese de Santo André.

3.3. Recepção conciliar no ABC paulista

Dom Jorge Marcos participou dos quatro períodos do Concílio Vaticano II, apresentando três intervenções por escrito durante o quarto período, referindo-se ao documento sobre a Igreja no mundo contemporâneo, a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*.³⁰ Embora não tenha enviado no período preparatório o vota, isto é, as sugestões de temas para a preparação dos textos a serem discutidos na aula conciliar, o bispo levava consigo as dores dos seus diocesanos, maciçamente operários, a pobreza, a violência e a necessidade de tornar a Igreja mais próxima da realidade dos fiéis.

Uma das primeiras mudanças ocorridas ainda no primeiro período do Vaticano II foi referente à vestimenta dos padres. Em junho de 1962, foi dada a permissão concedida aos padres franceses de usarem o terno eclesiástico para maior aproximação dos fiéis na evangelização. Dom Jorge incentivou aos padres franceses, segundo testemunha o padre José Mahon, a utilização do terno.³¹ Com as discussões no primeiro período do Concílio sobre o hábito eclesiástico, os padres da diocese de Santo André foram autorizados a usar o *clergyman* com terno preto ou cinza, a intenção era a aproximação com a população de fiéis. Essa possibilidade de vestimenta não foi a refutação do uso da batina tradicional, mas sim a possibilidade de ser uma presença dife-

³⁰ AS IV/3, 181-87; AS IV/3, 314-19; AS IV/3 792-94.

³¹ Entrevista concedida em 11 de setembro de 2014 a Felipe Cosme.

renciada da Igreja em ambientes de hostilidade e distanciamento. Neste ato já se revela a importância do Concílio para uma aproximação com a sociedade contemporânea na busca, até na vestimenta, de diálogo.

A discussão sobre o novo hábito eclesiástico rendeu ao bispo aprovações e contestações. A revista *O Cruzeiro* noticiou o fato com a matéria “*O hábito não faz o monge*”. Nela cónego Belisário Elias de Sousa e padre Dirceu Duarte Ferreira são fotografados de terno, apresentando a possibilidade da Igreja estar mais próxima da sociedade contemporânea inclusive na vestimenta.

O mundo se renova com uma constância e velocidade surpreendentes. A essência da Igreja – suas bases doutrinárias evangélicas – permanece a mesma há vinte séculos. Certos postulados acidentais, aspectos disciplinares de razões subjetivas, representam meios de proteger a integridade do núcleo conforme a necessidades inerentes a cada época. O que muito ainda não aprenderam é distinguir esses dois aspectos. Essa história da batina [...]. Para estes, e para a maioria dos padres ansiosos pela conquista do mundo novo, não são as vestes talares que dignificam o sacerdócio, mas a própria sacralidade do ministério que lhes é confiada e a dedicação que se lançam a ela [...]. Pe. Dirceu Duarte e Cónego Belisário Elias de Sousa, da diocese de Santo André vestem clergyman cinza. As cores podem variar dentro de limites discretos.³²

Enquanto católicos progressistas apoiavam os avanços, grupos conservadores, como a Congregação Mariana e núcleos da Tradição, Família e Propriedade e alguns padres, criticavam tais resoluções. Na diocese de Santo André, entre o ambiente de renovação, nota-se a resistência de alguns padres sobre a missa *versus populum* e o clergyman, diante de um questionário realizado pelo próprio bispo.

...Quanto à missa *versus populum*, limitei-me a secundar o desejo de V. Excia que nos forneceu uma espécie de questionário para sondagem; pois foi isso que fiz a particulares. Todavia tenho a minha opinião pessoal sobre a missa coram populo. Se V. Excia ma pedisse, eu lhe daria: é negativa... Sobre o uso do clergyman nada disse de público; prefiro conservar prudentemente minha opinião pessoal. Para usar de franqueza, não se deixe levar por airosas referências colhidas cá e lá e bem aceitas, porque nós, que estamos

³² PINTO, José. Revolta da batina: O hábito não faz o monge. In: *Revista O Cruzeiro*, 10 de agosto de 1963, apud PASTORE, Humberto Domingos. (org.). *Cónego Belisário: O condutor de almas que já foi tangedor de jumentos*. Guarulhos-São Paulo: Bandeirantes, 2009, pp. 122-123.

constantemente no meio das camadas populares, só temos ouvido pareceres desairosos e tão somente contrários. Não podia calar está verdade.³³

Emergem sem dúvida, na recepção, aspectos da teologia pré-conciliar que entrou em debate com uma nova teologia no interior do Vaticano II, fruto da “nova teologia” dos jesuítas e dominicanos franceses do início do século XX e dos movimentos de renovação: bíblico, ecumênico e litúrgico. Situações estas que se desdobram no período pós-conciliar. Situações reveladas no microcosmo religioso da diocese do ABC paulista.

No primeiro período do Vaticano II, em 18 de novembro, Dom Jorge sofreu seu primeiro enfarte. Com esse acontecimento, começa o agravamento da saúde do bispo. Dom Hélder Câmara escreveu sobre a doença, unindo-a à atuação do bispo no Concílio: *“Infelizmente se confirma: D. Jorge com enfarte. Não duvido que ele se tenha oferecido pelo Concílio, enfim acredito que ele se restabeleça”*³⁴.

Os problemas ocorridos na diocese no período conciliar fizeram com que o bispo assumisse a postura de conciliação mesmo à distância. A reforma litúrgica aconteceu rapidamente. Mesmo sem a conclusão do concílio, a missa em vernáculo, voltada para a assembleia, começou a ser celebrada nas paróquias. As primeiras traduções foram incrementadas pelo bispo, possibilitando aos padres a celebração do novo ordinário da missa.

Apresença do Senhor Bispo Diocesano, Dom Jorge, sempre dá brilhantismo às cerimônias da Semana Santa e às festividades do Santo Natal e de Fim de Ano. Suas cálidas palavras, plenas de sentido pastoral, trazem sempre normas claras e objetivas na orientação da vida cristã de todos. Aos domingos, Sua Excia, celebra às 9 horas, na Catedral e a participação do povo é sempre crescente. Com a adoção da língua vernácula, pela liturgia, sentimos com grande júbilo, crescer cada vez mais a participação do povo nas celebrações eucarísticas.³⁵

Duas cartas, escritas durante a viagem para o terceiro período do concílio, remontam as expectativas e a influência do espírito conciliar na vida de dom

³³ ACSA. Carta de Frei Eduardo de Grama a Dom Jorge Marcos de Oliveira, 12 de março de 1963. (Pasta de correspondências recebidas).

³⁴ 38º Circular de Dom Hélder à querida Família de São Joaquim, 19 de novembro de 1962. In: MARQUES, L. C. L.; FARIA, R. de A. (org.). *Dom Hélder Câmara, Circulares conciliares*. Recife: Cepe, 2009, v.1, p. 110.

³⁵ DIOCESE DE SANTO ANDRÉ. CATEDRAL DIOCESANA NOSSA SENHORA DO CARMO. *Livro Tombo Paroquial (1940-2011)*, fl. 85v.

Jorge. As mesmas foram escritas para as Irmãs Servas do Menino Jesus, responsáveis pela administração das casas da Associação Lar Menino Jesus (ALMJ), apresentando em seu conteúdo as expectativas por uma nova vida de Igreja, alicerçada nas virtudes teológicas, exercendo o ministério da caridade.

Tenho certeza que vamos entrar, todos nós, em uma vida nova cuja grande beleza será - toda ela – contida nas grandes expressões de amor – amor interesse espiritual – amor dedicação moral e material – amor unidade – amor continuação D’Aquele que dizia: Deus é Amor! [...] O Concílio reabrirá no dia 14 (de setembro). Teremos concelebração. O Santo Padre mais 14 Padres Conciliares. Acho que será uma maravilha! Pouco se sabe das modificações no ritmo de trabalho. Mais sabemos que devem vir mais de 180 bispos brasileiros!³⁶

Como sinal de compromisso às orientações dadas pelo concílio no que se refere ao ministério episcopal e o testemunho da Igreja a serviço dos pobres, foi redigido e assinado por um grupo de bispos, dentre eles Dom Jorge, o “*Pacto das Catacumbas da Igreja Serva e Pobre*” nas Catacumbas de Santa Domitila, em 16 de novembro de 1965. Esse texto, que dispõe como deverá ser regido o ministério do bispo em sua Igreja Particular caracteriza muitas decisões que o bispo de Santo André tomará na condução da diocese a partir de 1965.

Já em 1970, em uma entrevista a uma revista regional, Dom Jorge deixa marcada sua impressão do Vaticano II como uma era da renovação eclesial, possibilitando uma aproximação da instituição com a sociedade pela renovação da concepção de si mesma.

A oração para nós cristãos está colocada como uma fonte de energia que ampara com a graça divina, o nosso trabalho. Ela é indispensável em sua maior intensidade, à vida da Igreja... Quanto mais o sábio se aprofunda na ciência, tanto mais se aproxima de Deus. Quanto mais o homem se aproxima do Homem e o ama, mais e mais se aproxima do Criador... O que desejamos, porém é que o padre, o estudante de seminário, o religioso, imponham respeito não pelo hábito ou pela sotaina, mas por sua maneira de viver, por seus hábitos de vida... O grande resultado do Concílio foi a maior aproximação do homem consagrado ao apostolado, retido, antes, em maiores limitações, do Povo de Deus, do qual ele também faz parte³⁷.

³⁶ ALMJ. *Cartas de Dom Jorge Marcos de Oliveira*. Costa da África, 12 e 19 de agosto de 1964.

³⁷ ALMJ. Dom Jorge numa entrevista em 1970 (Cópia). Revista desconhecida.

Esse ambiente de renovação, que irá marcar profundamente o bispo em sua vida pessoal e pastoral, será vivido numa atitude de confronto com as instituições sociais, principalmente após o golpe de 1964, quando a diocese, desde o início da ditadura, colocar-se-á na defesa dos Direitos Humanos, ao lado dos estudantes e trabalhadores perseguidos.

Considerações finais

O que se verifica neste estudo é a mudança de paradigma da Igreja da neocrisandade, principalmente nas relações entre poder temporal e poder espiritual e a mudança de paradigmas promovida gradativamente por Dom Jorge Marcos de Oliveira, com a colaboração de um grupo de padres e leigos no ABC paulista.

Essa transição da concepção da Igreja possibilita compreender o caminho que foi realizado nos primeiros anos da diocese de Santo André, sua articulação interna e os futuros posicionamentos que ela assumirá, principalmente diante dos acontecimentos decorrentes da ditadura militar. Uma destas situações, D. Jorge já emérito, foram as grandiosas greves do operariado em 1978, 1979 e 1980. O novo bispo, D. Cláudio Hummes, se coloca junto aos grevistas e defende o próprio direito de greve. É evidente que além do Vaticano II a Conferência de Medellín (1968), a teologia da libertação e as diversas mudanças na Igreja do Brasil no período pós conciliar levaram o bispo a tomar tais atitudes em relação ao mundo do trabalho.

Com seu primeiro bispo o ABC paulista foi entrando na dinâmica do Vaticano II. A Igreja ampliou e aprofundou a consciência de sua origem no mistério trinitário e de sua natureza e vocação missionária. Nesta linha de reflexão, ganha destaque o caráter missionário da Igreja local, chamada a ser imagem da Igreja Católica como afirmaram os padres conciliares na *Lumen Gentium* em seu número 23. A Igreja local é o cerne da ação evangelizadora, uma missão que deve desempenhar numa realidade histórica determinada. Sacramento universal de salvação, a Igreja tem consciência de que não é a totalidade do Reino de Deus e se predispõe como sinal do Reino e instrumento de sua construção.

Assimilar essas acepções significa assumir as tarefas de servir, anunciar, dialogar, denunciar, promover e testemunhar a comunhão, propósitos de D. Jorge e da Igreja no ABC. É uma consciência cujas consequências são uma evangélica opção pelos pobres e uma práxis de comunhão, parti-

cipação, libertação, anúncio e denúncia de injustiças estruturais opressivas, numa dimensão profética e libertadora, atitudes iniciadas como recepção do Concílio pela diocese de Santo André através da figura proeminente de seu 1º bispo D. Jorge Marcos.

Referências bibliográficas

- ACSA (Arquivo da Cúria de Santo André). *Carta para a formação da Comissão Pró-Bispado de Santo André*. 08 de julho de 1953.
- ACMSP (Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo). *Carta da Comissão Pró-Bispado ao Núncio Apostólico*. s/d.
- ALMJ (Associação Lar Menino Jesus). Dom Jorge numa entrevista em 1970 (Cópia). Revista desconhecida.
- ALBERIGO, G. “Il pontificato di Giovanni XXIII”. In: FLICHE, A.; MARTIN, V. (dir.). *Storia della Chiesa*. XXXV/1. Milano: San Paolo, 1994, pp. 15-19.
- ARENDT, H. “Angelo Giuseppe Roncalli: um cristão no trono de São Pedro de 1958 a 1963”. In: ID. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- AUBERT, R; SOETENS, C. “Le déroulement du concilie”. In: *Histoire du Christianisme*. 13, Crises et renouveau de 1958 à nos jours. Paris: Desclée, 2000.
- BRIGHENTI, A. “O processo de recepção de um Concílio na Igreja: conceituação teológica e operacional”. *Revista Encontros Teológicos* 33 (2002), pp. 41-56.
- CAPRILE, G. “Pio XII e un nuovo progetto di concilio ecumênico”. *Civiltà Cattolica* II (1966), pp. 209-227.
- CATÃO, F. A. C. “O perfil distintivo do Vaticano II: recepção e interpretação”. In: BOMBONATO, V.; GONÇALVES, P. S. L (orgs.). *Concílio Vaticano II Análise e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 104.
- CONGAR, Y. “A recepção como realidade eclesiológica”. *Revista Concilium* (1972), pp. 886-907.

- GONÇALVES, P. S. L.; SOUZA, N. *Catolicismo e sociedade contemporânea. Do Concílio Vaticano I ao contexto histórico-teológico do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2013.
- HOBSBAWN, E. *A Era dos Extremos. O breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- KASPER, W. *A Igreja Católica. Essência, realidade, missão*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2012.
- LIBÂNIO, J. B. *Concílio Vaticano II: Em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Loyola, 2005.
- MARQUES, L. C. L.; FARIA, R. de A. (org.). *Dom Hélder Câmara, Circulares conciliares*. Recife: Cepe, 2009.
- MARTINA, G. *La Chiesa nell'Etá del liberalismo*. Brescia: Morcelliana, 1991.
- MARTINA, G. “A proposito de studi recenti su Giovanni XXIII”. *Rivista di storia della Chiesa in Itália* 39 (1985), pp. 525-533.
- MELLONI, A. “L’allocuzione *Gaudet mater Ecclesia*. Sinossi critica dell’allocuzione”. In: ALBERIGO, G. (org.). *Fede e tradizione*. Brescia: Paidea Editrice, 1984, pp. 223-283.
- MIRANDA, M. de F. *A Igreja que somos nós*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- PINHO, J. E. B. *A recepção como realidade eclesial e tarefa ecumênica*. Lisboa: Didaskalia, 1994.
- RICCARDI, A. *Il potere dal papa, da Pio XII a Paolo VI*. Roma-Bari, 1988.
- SOUZA, F. V. *Vaticano II e a Igreja local...* São Paulo: PUC, 2014. (Dissertação de mestrado em Teologia)
- SOUZA, N. “Vaticano II, um ponto de chegada ou de partida?”. In: *Religião e Cultura*. São Paulo: Paulinas-Educ, 2010, pp. 47-60.
- SOUZA, N. “Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II”. In: BOMBONATO, V. I.; GONÇALVES, P. S. L. (orgs.). *Concílio Vaticano II. Análise e prospectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004, pp. 22-23.

Ney de Souza
Doutor em História Eclesiástica
pela Pontificia Università Gregoriana (Roma), registro USP
Professor no Programa de Pós-Graduação em Teologia PUC-SP
São Paulo/SP – Brasil
E-mail: nsouza@pucsp.br

Felipe Cosme Damião Sobrinho
Mestrando em Teologia na PUC-SP
São Paulo/SP – Brasil
E-mail: philippecosme@hotmail.com

Recebida em: 14/01/15
Aprovada em: 30/03/15

